

O regresso do mal absoluto

A violência em massa tem história na Rússia. E Mariupol e Bucha não são a exceção, são a regra.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 6 de Abril de 2022

Há indícios de que a Rússia esteja a cometer [genocídio na Ucrânia](#). O mundo ficou em choque com as imagens horrendas de valas comuns e corpos espalhados pelas ruas, depois das tropas russas deixarem [a cidade de Bucha](#) na sua retirada de Kiev. O Kremlin desmentiu e apressou-se a dizer que é tudo encenação. [As evidências](#) parecem apontar o contrário. Mas os peritos forenses se encarregarão de produzir as provas e os tribunais de as julgar.

Eu não sou nem perito nem juiz, mas sei ler e escrever. E já li muitos livros sobre a guerra e alguns sobre o genocídio. E de vez em quando ainda abro a televisão e vejo o horror. O genocídio não aparece do nada. Emerge em sociedades onde a violação dos direitos humanos e outras atrocidades têm história. E a Rússia tem uma longa história de violência em massa contra a Ucrânia. Talvez a mais conhecida seja o célebre *Holodomor*, que em ucraniano significa morte pela fome e que entre 1932 e 1933 matou milhões de ucranianos às mãos do poder soviético.

Mas a grande fome de 32/33 não foi a única das atrocidades soviéticas. São conhecidos os movimentos forçados de populações, as deportações em massa de grupos étnicos e as grandes purgas políticas. E o cortejo das atrocidades, da violência contra civis e dos crimes de guerra não parou [com a União Soviética](#). Continuou, depois de 1991, com a Rússia e, sobretudo, com Putin. Lembra-se do que aconteceu na Chechénia? Na Geórgia e na Síria? Das cidades arrasadas e dos civis massacrados em [Grozni, em 1995, e em Aleppo, em 2006](#)?

Pois, a violência em massa tem história na Rússia. E Mariupol e Bucha não são a exceção, são a regra. Não sei se bem se mal, alguns dizem que à maneira russa de fazer a guerra. Mas se o genocídio tem antecedentes no passado, ele é geralmente acompanhado de outros crimes no presente: crimes de guerra, crimes contra a humanidade, limpeza étnica. [O Direito Internacional](#) inclui nestes crimes ataques a alvos civis, desaparecimentos forçados, violações, tortura, execuções sumárias, deslocamento forçado de populações, em especial crianças, e até a criação de condições materiais severas que ameacem a sobrevivência das populações. Ora, tudo ou quase tudo isso já se registou na invasão russa da Ucrânia.

Muitos foram os alvos civis dos bombardeamentos: bairros residenciais, escolas e até um hospital pediátrico e [o teatro de Mariupol](#) onde se sabia estarem civis abrigados. Chegam aos milhares as vítimas civis da invasão. Como milhares são os deportados à força para a Rússia, incluindo crianças. Isto sem contar com a destruição de infra-estruturas de água ou electricidade para cortar o abastecimento às populações e

quebrar o seu moral. Várias são as organizações não-governamentais, como a Amnistia Internacional e a Human Rights Watch, que reportam saques, violações e execuções sumárias. E isto faz toda a diferença. Porque uma coisa são bombardeamentos, outra, tiros na nuca e valas comuns. É o regresso do mal absoluto. E é tudo isso em conjunto – a violência de massas no passado, as outras atrocidades no presente e os últimos horrores que indiciam o genocídio.

Putin nega, naturalmente. Mas isso é dos livros. O Império Otomano também negou o genocídio arménio na I Guerra e a Alemanha Nazi negou o Holocausto na II. Mas há um outro indicador que os muitos casos históricos também registam. As guerras de agressão são sempre acompanhadas de um discurso de legitimação em que o ataque é classificado como defesa, a invasão justificada como prevenção e o agressor visto como vítima. E, nessa estratégia de propaganda, o inimigo é sempre demonizado e desumanizado. O que também não faltou na invasão russa da Ucrânia.

Putin demonizou a elite ucraniana, que classificou como “um bando de drogados e nazis”. É por isso que era preciso *desnazificar a Ucrânia*. Ironias da história, *desnazifica* com os mesmos métodos dos nazis. Mas não faltou a desumanização no célebre discurso do início da guerra, quando priva os ucranianos da sua identidade nacional: a Ucrânia não era mais que parte da Rússia. Ora, a história também nos mostra como a desumanização do inimigo é sempre lida pelas tropas como liberdade de matança indiscriminada das populações civis dos países invadidos. A Europa não assistia a tal barbárie desde os massacres de Srebrenica, na Bósnia, em 1995. Depois de Srebrenica, os acordos de Dayton mostraram que é possível negociar a paz mesmo com os criminosos de guerra. Mas, atenção, depois de eles serem derrotados.

<https://www.publico.pt/2022/04/06/opiniao/opiniao/regresso-mal-absoluto-2001494>